

A ANATOMIA É O DESTINO: NOVAS CONFIGURAÇÕES SEXUAIS DO GOZO

Data de submissão: 30/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Ezequiel Martins Ferreira

Gostaria de partir da expressão freudiana “a anatomia é o destino”, para retirar dela algumas possibilidades de articulação para pensarmos posições frente aos atuais modos de gozo, às atuais expressões de identidade e sexualidade.

Me proponho articular uma possibilidade, arraigado ao princípio de que, no que comporta a linguagem, é sempre um meio sentido o que aparece, é sempre uma meia verdade, corroborando a tese de que *significante* e *significado* não são coincidentes, não possuem uma dinâmica objetiva, e que a interpretação sempre porta um algo de afetivo daquele que se pronuncia.

A expressão “a anatomia é o destino” é utilizada por Freud em duas circunstâncias, e é produzida, no modo de uma paráfrase, de uma frase do imperador Napoleão Bonaparte em conversa com Johann Wolfgang von Goethe no dia 02 de outubro de 1808. Goethe foi convocado

para comparecer ao imperador francês e relatou sua visita em uma espécie de diário, publicado em sua obra completa na forma de anais (*Annales de 1749 à 1822*).

Em seu relato, Goethe menciona que o imperador lhe questiona sobre sua ocupação enquanto escritor. Napoleão lhe pergunta se ele já havia escrito alguma tragédia, e mantendo as respostas o mínimo necessário, Goethe se coloca muito mais a ouvir o que o imperador tem a dizer, a avaliação que o imperador tem a fazer, do que uma longa exposição sobre o seu próprio trabalho. Por sua vez, Napoleão se coloca como crítico a obra de Goethe, e desenvolve longamente uma tese sobre o modo não natural em que a obra do escritor alemão se desenrola. A seguir Napoleão critica e lamenta o modo em que o teatro francês se apresentava, ao se afastar da natureza e da verdade. E ainda a respeito da tragédia expressa: “O que queremos do destino hoje? [...] O destino é a política”.

É numa metonímia de “O destino é a política” que a expressão freudiana ganha sua corporeidade.

Vou me deter, ainda um pouco mais, no próprio teor do que Napoleão parece apontar. Na tradição grega, a tragédia se marca pelo conflito entre as ações do herói e as tramas do destino. E temos, na figura do destino, elementos que mancham sua própria definição. O destino é caracterizado como uma figura cega, mas que mesmo sem ver, aponta um ponto do futuro.

Em Édipo, famoso mito utilizado na literatura analítica, é a reação de recusa, ou medo, ao destino que o leva, por meio de contingências primeiramente das ações de seu pai Laios e posteriormente de suas mesmas, a trilhar o caminho que o oráculo previu. No entanto, a própria cegueira do oráculo impõe uma cegueira ao herói, e nessa própria cegueira se instala o engodo, o engano que fundamenta, como se fosse por acaso, as ações de Édipo.

Marco, no mito edipiano, a função do destino como aquele que embaça a visão, e que exige do herói um posicionamento próprio ante aquilo que ele mesmo, o destino, oferece. O destino leva Édipo até o momento em que ele mesmo exige do herói a ação de ver. Ele venda Édipo para depois retirar-lhe a venda e exigir que o herói tome uma posição a partir dali.

Retomando a fala de Napoleão, a crítica à fuga da natureza e da verdade se originam da perspectiva de que não é na fantasia de que devo partir para tomar minhas decisões rumo às ações, mas sim da política. O destino é a política. O agente cego que nos cega e nos exige tomar atitudes frente a realidade é a política.

Freud parte daí para afirmar, e isso é importante destacar, que a anatomia é o destino. Ele não diz que o destino é a anatomia. Mas, antes de adentrar, vale valermos da história e dos pontos precisos em que Freud insere essa máxima em seus textos.

A primeira aparição se deu em “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa” em 1912, na qual se debatia a relação entre amor e sexualidade, Freud a introduz no meio de uma discussão entre o excrementício e o belo e acrescenta uma espécie de impossibilidade do amor e da sexualidade acompanharem a cultura, afirmando que “os próprios genitais não acompanham o desenvolvimento das formas do corpo humano até a beleza, eles permaneceram animalizados, e assim também é o amor hoje, no fundo, tão animalesco quanto o foi desde sempre”. Nessa perspectiva, a anatomia aparece ali associada ao corporal, ao animalesco e ao primitivo.

A segunda aparição acontece no texto “O declínio do Complexo de Édipo” em 1924. Nesse texto a máxima freudiana consegue, à primeira vista, brincar com o sentido, na medida em que Freud tece uma crítica ao feminismo que carrega uma pretensão de igualdade dos sexos, afirmando que “a diferença morfológica vai se expressar em distinções no desenvolvimento psíquico”. No entanto, a expressão aparece em meio ao questionamento de se há uma organização fálica e um complexo de castração no desenvolvimento do Édipo nas meninas, cuja resposta é afirmativa, com o acréscimo de que o modo como esses termos afetarão o desenvolvimento de cada um terá como ponto de saída sua própria morfologia. Cabe destacar que antecede a todo esse argumento a justificativa de que “nesse caso, o nosso material se torna – incompreensivelmente – muito mais obscuro e lacunar”. Nesse texto o que há é a definição do ponto de partida que é o corpo. A anatomia é o corpo.

É possível ler na letra de Freud um apontamento para a correlação anatomia e corpo. Corpo no sentido próprio que este vai ganhando com o desenvolvimento da Psicanálise. Em Freud o corpo parte da premissa biológica-anatômica, para um corpo pulsional, habitado pelo desejo, cujo ponto de partida se mantem nas zonas erógenas.

Prosseguindo o avanço da teorização analítica, com Jacques Lacan, nos deparamos com o corpo sendo revisto por suas múltiplas facetas nos diversos registros: a imagem do corpo na perspectiva do estádio do espelho, o corpo-linguagem no discurso de Roma, o corpo do gozo nas voltas do Seminário 16, e o corpo (imaginário) suporte no seu último ensino.

Por meio da dinâmica pulsional, colocada por Freud, e da perspectiva do corpo como suporte, de Lacan, podemos reler “A anatomia é o destino” com uma outra metonímia que expus recentemente no texto que leva no próprio nome a paráfrase metonímica: *A política do um corpo é o destino*.

A política do um corpo como destino rememora os pensamentos de Napoleão e Freud, e faz junção daquilo que é o importante de se pensar sobre a vida, no que toca ao ponto de partida e seus embrolhos.

O corpo, aqui, não entra como um soberano que porta em si, em suas marcas, a garantia de uma definição da identidade. No humano, macho e fêmea são apenas significantes, como já dizia Lacan. O corpo por si mesmo não possui garantias de caracterizar como tal. Ele apenas nubla a visão, dentro de um discurso que seria capaz de prometer uma garantia, e que hoje só temos dele, disso que funda o discurso, os resquícios em forma de vapor.

O corpo só porta o destino inicial do que fazer. Ele é o ponto de partida para toda experiência que é subjetiva. O corpo como destino apenas carrega a cegueira de Tirésias, ao apontar para Édipo como aquele a quem ele mesmo procurava. O corpo como destino é apenas um suporte para, a partir dele, construir uma existência. E os discursos que nos atravessam podem se valer apenas para apertar a venda um pouco mais.

A clínica nos aponta muito bem isso. Os corpos que ali chegam expressam dor pela pura constatação de serem furados, incompletos, imperfeitos, e as promessas outrora ouvidas não garantem um bem-estar diante de si mesmo. Já em 1905 Freud nos apontava que o desenvolvimento libidinal, que tinha como fim a assunção de uma identidade sexual, se construía pelos furos do corpo. Esse é o ponto em que a anatomia pode ser o destino. O ponto de partida. Afinal, viver é escolher o que fazer com esse corpo que se tem. Em tempos de evaporação dos Nomes do Pai, resta a cada um, partindo do que consegue fazer a respeito de seu próprio corpo, apostar, dentro da multiplicidade de identidades que o possibilitem construir, para si, um eu, num melhor modo de gozar.

Nos deparamos com corpos incertos, e que se constroem de pedacinhos de histórias, de acertos, de erros, que surgem na tentativa de encontrar um sentido subjetivo para sua própria existência, tomando suas próprias experiências na busca de amar e ser amado. Numa perspectiva última do ensino de Lacan, encontramos a clínica do sintoma, uma clínica que se articula com a proposta de que o mais singular do sujeito apareça, e é com esse singular, na medida em que seu corpo é um ponto de partida, que esse sujeito tem de se a ver.

REFERÊNCIAS

- I. FREUD, Sigmund. Amor, sexualidade, feminilidade. “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”, Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 150. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7) (Publicado Originalmente em 1912).
- II. Goethe, Johann Wolfgang von, OEuvres complètes, vol. 10, Mélanges, « Annales de 1749 à 1822 », “Annales de 1749 a 1822”, Paris, Hachette, 1863.
- III. *Id.* “*Que nous veut-on aujourd’hui avec le destin ? [...] Le destin, c’est la politique*” p. 308.
- IV. FREUD, *op. cit.* p. 150.
- V. FREUD, Sigmund. Amor, sexualidade, feminilidade. “O declínio do Complexo de Édipo”, Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 252. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7) (Publicado Originalmente em 1924).
- VI. *Id.* p. 252
- VII. LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp.96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998 (Publicado originalmente em 1949).
- VIII. LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998 (Publicado originalmente em 1953).
- IX. LACAN, J. *Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- X. LACAN, J. *O Seminário, livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.
- XI. FERREIRA, Ezequiel. A política do um corpo é o destino. In. V Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise Leste-Oeste [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Leste-Oeste, 2024.